

FUNDAÇÃO SÃO MIGUEL ARCANJO
FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
CURSO DE FILOSOFIA LICENCIATURA

LARISSA DOS SANTOS MARTINS

AS PARTICULARIDADES DO AMOR NA OBRA FEDRO

ANÁPOLIS – GO

2017

LARISSA DOS SANTOS MARTINS

ARTIGO CIENTÍFICO

Trabalho de conclusão em forma de artigo científico para obtenção da graduação em Licenciatura em Filosofia da Faculdade Católica de Anápolis. Orientador: Ms. Pe. João Batista de Almeida Prado Ferraz Costa.

ANÁPOLIS

2017

AS PARTICULARIDADES DO AMOR NA OBRA FEDRO

RESUMO

A obra Fedro aborda o tema do amor sob um prisma poético. Aqui o amor (Eros) é visto como força que impulsiona o homem a buscar as coisas divinas que já foram vistas no mundo das ideias. Antes de cair num corpo a alma vislumbra as Ideias, entre elas a mais perceptível e arrebatadora é a Beleza, que está presente em tudo. Todas as coisas terrestres que chamamos de belas são cópias imperfeitas, entretanto nos lembram das coisas divinas. Eros é um demônio intermediário que faz com que a alma busque a Beleza e o Bem sem cessar. Este caminho é que traz felicidade ao homem.

Palavras-chave: Amor. Eros. Beleza. Alma.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca esclarecer o conceito e o papel do amor na filosofia platônica, especificamente na obra Fedro que possui algumas novidades se comparada a outras obras de Platão. Este artigo é uma análise histórica e conceitual que considera o pensamento platônico como um todo; porém com ênfase nas teorias que são abordadas na obra Fedro.

Em nenhum outro livro Platão foi tão poético como nesse. Fedro é antes de tudo uma exaltação do delírio amoroso. São discutidas as características de Eros, o demônio mediador que provoca delírio nos homens; e a relação desse delírio com a Beleza e suas cópias terrenas.

Este trabalho pretende contribuir para futuras reflexões sobre o amor e o comportamento humano diante da beleza sob o ponto de vista platônico.

1 VIDA E OBRA DE PLATÃO

Arístocles nasceu em Atenas em 428/427 a. c. e recebeu o apelido Platão por causa do seu físico de costas largas. Seu pai era descendente do rei Codro e sua mãe de Sólon, ambos políticos importantes. Por este motivo, desde jovem Platão ambicionou entrar para a vida política; para tanto, tornou-se discípulo de Crátilo, seguidor de Heráclito, depois de Sócrates. O primeiro contato dele com a

vida política foi em 404/403 a. C. quando a aristocracia assumiu o poder e dois de seus parentes participaram do governo oligárquico. Depois que os democratas haviam assumido o poder e foram os responsáveis pela condenação de Sócrates, Platão decidiu afastar-se da política.

Em 388 a.C. Platão viajou para a Itália e conheceu Dionísio I, tirano de Siracusa localizada na Sicília. Platão passou a acompanhá-lo acreditando poder influenciá-lo com o ideal de rei filósofo, mas acabou por fazer inimizade na corte justamente pelas ideias que defendia. Mas encontrou em Díon, um parente do rei, um bom discípulo. O tirano se irritou tanto que o vendeu como escravo; condição da qual foi resgatado por Aniceris de Cirene. Ao voltar à Atenas, Platão fundou a Academia¹.

Em 367 a.C. Dionísio I morre e seu filho Dionísio II assume o poder. Díon convida Platão a voltar à Sicília mas o filho acaba agindo da mesma forma que o pai, exila Díon e prende Platão e só o devolve a Atenas por que estava em guerra. Em 361 a.C. pela terceira vez Platão volta à Sicília a pedido do próprio Dinísio II que desejava completar sua formação filosófica. Mas desta vez o filósofo foi protegido por amigos de Taranto e depois voltou a Atenas onde permaneceu até sua morte em 347 a.C. comandando a Academia.

Platão evitou discorrer sobre os princípios últimos na maioria de suas obras. Os temas que ele julgou que poderiam ser escritos, evitou dar-lhes tratamento sistemático e tentou ao máximo reproduzir o diálogo socrático, que se tornou um gênero literário específico. O espírito filosófico se apresenta como diálogo, debate, que tem Sócrates como protagonista.

O ponto central da filosofia platônica é a teoria das Ideias. Há dois tipos de realidades: o mundo sensível correspondente à matéria e que são as coisas como as percebemos através das sensações; e o mundo inteligível correspondente às Ideias. Essas Ideias não são conceitos ou representações mentais, mas representam entidades, as essências das coisas, o modelo ou forma segundo a qual cada coisa deve ser. Possuem um caráter absoluto: são estáveis e não relativas. Platão ainda afirma que as Ideias existem “em si

¹ Academia – Escola cujo nome foi dado por se localizar perto do parque dedicado ao herói Academos.

e por si”, elas se impõem ao sujeito de modo absoluto, não se alteram em relação a um sujeito particular, não sofrem nenhuma mudança.

O conjunto das Ideias se chama Hiperurânio² e segundo Reale, “indica um lugar que não é absolutamente um lugar”. Este mundo é captado apenas pela inteligência. Nele, existem ideias de todas as coisas: valores, realidades corpóreas, entes matemáticos, entre outros.

O escrito Fedro é ainda motivo de discussão entre os estudiosos sobre a posição da obra, se faz parte dos escritos da mocidade ou da velhice do filósofo, onde há maior sobriedade da linguagem filosófica.

Mas aí é que bate o ponto, porque o Fedro tanto suporta o cotejo com os diálogos de perfeito acabamento literário – O Banquete, A República – como com os mais temidos pela profundidade das teses discutidas: Teeteto, Sofista e até mais longe, o Timeu. (NUNES, 1975, P. 11)

Há certa proximidade temática entre O Banquete e Fedro. Giovanni Reale se baseia no conteúdo dos escritos platônicos para classificá-los. São 36 trabalhos divididos em nove tetralogias:

- I. Eutífron, Apologia de Sócrates, Críton, Fédon;
- II. Crátilo, Teeteto, Sofista, Político;
- III. Parmênides, Filebo, Banquete, Fedro;
- IV. Alcibíades I, Alcibíades II, Hiparco, Amantes;
- V. Teages, Cármides, Laques, Lísias;
- VI. Eutidemo, Protágoras, Górgias, Mênon;
- VII. Hípias Menor, Hípias Maior, Íon, Menexeno
- VIII. Clitofon, República, Timeu, Crítias;
- IX. Mino, Leis, Epinomis, Cartas.

2 FEDRO

Na obra Fedro, Platão mais uma vez utiliza seu recurso habitual de transferir seu pensamento para a figura de Sócrates através de diálogos. Neste diálogo, o jovem Fedro encontra nosso filósofo fora dos muros de Atenas e ambos se põem a

² Hiperurânio – Significa lugar acima do céu ou do cosmo.

conversar sobre o mais novo discurso de Lísias³. Sendo um grande entusiasta de discursos, o ateniense pede para ouvi-lo e Fedro o recita.

A tese defendida por Lísias é a de que é preferível a um jovem entregar-se a quem não o ama que ceder a um amante de verdade. Amor é desejo intenso de possuir algo. Para ele, os amantes carecem de bom senso e não sabem dominar-se. Desejam mais ao corpo do que o caráter e a personalidade. É duvidoso, portanto que depois de satisfeito e extinto o desejo continuem dispostos a continuar esta amizade.

Aqueles a quem o amor não perturba, já antes haviam iniciado uma mútua amizade; não é provável, pois, que nesses a amizade diminua ou desapareça logo que o desejo se satisfaz. Ao contrário, na mútua amizade encontrarão outros motivos e garantias para novos favores. (PLATÃO, 2011, P. 63)

O amor provoca ilusão e é digno de pena, já que o amante fica cego de medo de perder o amado e faz de tudo para evitar que isso aconteça. Liberto desse sentimento o homem é capaz de se dominar e usar a inteligência fortalecendo assim a amizade antes de qualquer coisa.

Sócrates então critica o uso da retórica de Lísias, afirmando que ele repete sempre o mesmo, com o intuito de mostrar que sabe dizer a mesma coisa de várias formas, deixando o discurso carente de nexos causais entre as partes constituintes. Fedro levado pelo ardor da conversa desafia o filósofo a fazer um discurso de mesmo tema, porém sem incidir-se nos mesmos erros criticados, para mostrar como deveria ser desenvolvida a idéia, com início, meio e fim. Assim o faz o ateniense e afirma quase a mesma coisa que Lísias: o homem apaixonado não é um bom amante ou um bom tutor para o amado, pois seu amor vem da necessidade de satisfazer um apetite concupiscível.

Neste momento, Sócrates se levanta para ir embora, mas se diz subitamente inspirado por um daimónion⁴ que lhe mostrou seus erros e que precisa se redimir

³ Lísias - Um mestre de retórica e causídico de Atenas.

⁴ Daimonion – Trata-se do sinal divino e transcendente que Sócrates afirmava perceber dentro de si mesmo, uma voz demoníaca que o chamava para o que devia ou não fazer. Ainda há discussão entre os estudiosos sobre o significado dessa palavra. Alguns sustentam que se trata de um gênio familiar, um ser intermediário

com os deuses. Afirma que tanto o discurso de Lísias quanto o seu ofenderam Eros (deus do amor) por considerá-lo mau. Por ser uma criatura divina, não pode ser maléfico. Com medo de um castigo divino, faz uma palinódia⁵ para evitá-lo.

2.1 MITO DA PARELHA ALADA E ELOGIO DO AMOR

Desta vez o filósofo afirma que insinuar que o apaixonado está em delírio e que isso é ruim não está certo, pois o delírio amoroso é inspirado pelos deuses, logo não é um mal para os mortais. O amor foi incutido na alma dos homens para a felicidade. Daí a importância de discutir o que é a alma.

O resumo do pensamento platônico sobre a alma é o seguinte: a alma é capaz de pensar coisas imutáveis e eternas. Como as coisas que a alma conhece são imutáveis e eternas, a alma também precisa ser imutável e eterna, pois a condição para poder conhecer tais coisas é que a alma possua uma natureza afim. Senão ultrapassariam a capacidade de compreensão da alma humana. No livro Fedro ele afirma que caracterizar numa imagem a alma é oportunidade para um longo e divino discurso. Mas representá-la numa imagem é coisa que se possa fazer num discurso de menores pretensões.

A alma pode ser comparada com uma força natural e ativa, constituída de um carro puxado por uma parelha alada e conduzido por um cocheiro. Os cavalos e os cocheiros das almas divinas são bons e de boa raça, mas os dos outros seres são mestiços. O cocheiro que nos governa rege uma parelha na qual um dos cavalos é belo e bom, de boa raça, enquanto o outro é de raça ruim e de natureza arrevesada. Assim, conduzir nosso carro é ofício difícil e penoso. (PLATÃO, 2011. P. 82)

A alma participa do divino⁶ mais do que qualquer coisa corpórea, por isso as asas servem para conduzi-la às alturas. Estas asas se alimentam de tudo o que é belo, sábio e bom e o contrário disso a faz diminuir e enfraquecer. Zeus num carro alado conduz um cortejo de deuses. Todos o seguem (com exceção de Héstia, deusa do lar, que fica em casa), distribuídos em onze tribos. É um grande espetáculo no céu. As divindades se mantêm em equilíbrio e os outros são puxados

entre o homem e as divindades. Outros afirmam que se trata da consciência moral de Sócrates. (REALE, 1995, P.65).

⁵ Palinódia – Texto cujo assunto é o contrário do que se disse antes.

⁶ Divino – Em Platão o divino é o mundo das Ideias em todos os seus planos (REALE, 1990, P. 145); é a alma do mundo, as almas humanas e as dos astros, dos demônios protetores e os mediadores (como Eros).

para baixo pelo cavalo selvagem. O trabalho da alma é manter o equilíbrio, avançando no séquito dos deuses para chegar ao mais alto dos céus e contemplar o lugar das Ideias Eternas, estas, realidades inteligíveis, pois só a inteligência⁷ que é o guia da alma pode contemplá-las.

Algumas almas conseguem ver o bastante para conseguirem viver junto com os deuses. Há aquelas que ora se levantam ora se abaixam, contemplando pouca coisa por causa do cavalo mau que sempre puxa para baixo. Há também aquelas que não conseguem se levantar e ficam abaixadas empurrando umas as outras até perderem as asas e caírem, ocupando um corpo. A alma que nunca contemplou as Ideias não pode habitar um corpo humano porque a inteligência do homem se exerce de acordo com o que ele vislumbrou. “A vida humana, que se origina da queda da alma, é moralmente tanto mais perfeita quanto mais a alma tenha podido ver no Hiperurânio e tanto menos perfeita quanto menos tenha visto.” (REALE, 1994, P. 201)

Depois de entrar num corpo humano a alma tenta lembrar-se do que viu no Hiperurânio, pois na queda se esquece de tudo. Ao ver aqui uma copia do que percebeu no céu, se assusta. Somente a Beleza é diferente, pois era vista em todo o seu esplendor em todos os lugares e ainda ofusca todas as coisas terrenas. Dela, pois, a alma lembra-se bem. “Somente a beleza dá-nos esta ventura de ser a coisa mais perceptível e arrebatadora.” (PLATÃO, 2011, p. 87)

Quanto maior o contato da alma com a beleza, maior a comoção dela com um corpo belo⁸. O amor faz com que a alma busque cada vez mais contato com os corpos belos para reavivar a lembrança do que vislumbrou no mundo das Ideias. Segundo Platão ainda, aquele que pouco contemplou não aspira às coisas bonitas, apenas busca prazer sensual.

Ao encontrar-se com algo belo as asas da alma crescem. Entretanto, ao se afastar, os poros se fecham e elas ficam presas, a alma fica atormentada e sem repouso. Impelida então por Eros ela sai desesperada atrás da beleza. Ao encontrá-

⁷ Inteligência – Platão divide a alma em três partes: concupiscível, irascível e racional. A parte concupiscível busca os prazeres ligados às coisas materiais. A parte irascível busca os prazeres que se relacionam com a honra e a coragem. A alma racional é a inteligência, hierarquicamente superior à concupiscível e à irascível.

⁸ Belo – A conexão do Belo com o Bem é típica da mentalidade grega, e Platão apenas validou essa ligação. Esse conceito também está ligado aos conceitos de medida, ordem, proporção, definição. (REALE, 1995, p. 37)

la novamente os poros abrem e as asas voltam a crescer oferecendo alívio imediato. É por isso que uma alma que teve bastante contato com a beleza não a abandona facilmente, pois se encontra apaixonada o suficiente para buscá-la sempre e é em Eros que o amado encontra forças para isso.

Portanto, ao contrário do que disse os dois primeiros discursos, o apaixonado não inveja nem se torna possessivo com o amado; mas sim faz de tudo para que o ser querido se torne semelhante aos deuses. Cada um reage a Eros de acordo com o deus que seguiu. Portanto o amor é algo nobre e que traz felicidade a ambos.

3 AS PARTICULARIDADES DO AMOR

No mito da parelha alada temos um cenário poético onde se apresentam três personagens: o cocheiro e dois corcéis, que explicam o comportamento da alma diante da beleza tanto no mundo das Ideias quanto no mundo terreno. O cocheiro é o intelecto, o grande responsável por guiar a alma, uma tarefa bastante difícil. A realidade das Ideias Eternas só pode ser contemplada pela inteligência, e ela se nutre dessas Ideias. Quando a alma alcança o conhecimento delas, mata sua sede de conhecimento e alcança a felicidade.

As outras almas, porém, tentam manter-se em equilíbrio, mas ora levantam ora abaixam, pois são dois cavalos tentando seguir direções opostas. O corcel dócil, bom, representa a coragem⁹, a parte irascível da alma. É obediente, tranquilo, honesto, sóbrio e pudico; tem um corpo belo e harmonioso e é dirigido apenas pela palavra. O corcel mau, ao contrário, é rebelde e de raça ruim, tem o corpo torto, não possui firmeza, é lascivo e só obedece ao chicote. Representa a concupiscência. Aquele que segue o cavalo mau perde suas asas e fica condenado à simples *doxa*¹⁰.

Cada alma ocupa um corpo de acordo com o que viu. Em ordem decrescente de acordo com a capacidade de captação das Ideias, essa alma pode vir a ser: um filósofo ou poeta amante das Musas; um rei legislador ou guerreiro; um

⁹ Coragem – Virtude da fortaleza. (REALE, 1995, P. 61)

¹⁰ *Doxa* – Na linguagem filosófica significa opinião. Conhecimento que permanece no meio entre a ciência e a ignorância. Para Platão a *doxa* é quase sempre enganadora, sujeita a alterações e mesmo que seja verdadeira não possui em si a garantia da verdade. Somente alcançando a ciência que é possível estabelecer se a *doxa* é verdadeira ou não, entretanto nesse momento ela deixa de ser opinião e passa a ser conhecimento científico (REALE, 1995, p. 78).

político, economista ou financista; um atleta ou um médico; um profeta ou adepto dos mistérios; um artista produtor de imitações; um operário ou camponês; um sofista ou demagogo; e por fim um tirano. Quem levar uma vida praticando as virtudes terá melhor sorte na reencarnação, quem não a praticar cai em situação inferior.

São poucas as almas que se recordam bem do que puderam ver, já que durante a queda elas se esquecem de quase tudo. A única ideia que tem fulgor nas imagens terrestres e era vista sem mácula durante o cortejo celeste, é a Beleza, que causa uma impressão muito forte nas almas para ser esquecida. Entretanto, a alma que se corrompe não aspira à beleza como deveria. Conhece a cópia dela, mas não adora o que vê, contentando-se em buscar apenas prazeres sensuais, em alguns casos de forma desmedida. Sua alma segue somente o corcel indócil e isso não leva à felicidade¹¹.

Quando o cocheiro vê algo amável, essa imagem o aquece. O cavalo bom obedece e para, o mau tenta levar os dois a se entregarem à volúpia. No início eles resistem, mas depois acabam se deixando guiar pela concupiscência e se entregam ao prazer dos sentidos. Quando se aproximam e o cocheiro vê de perto o ser amado, a beleza deste o lembra a verdadeira Beleza e ele puxa o freio assustado. Os dois corcéis param, um por obediência, o outro pela força. Mas logo o selvagem se recompõe e volta a puxar. O cocheiro então puxa as rédeas com mais força até machucar o cavalo mau, que se amansa e passa a temer a beleza. Só então a alma do apaixonado passa a seguir com receio e pudor o belo. O amado ao ser honrado como a um deus sente em si a necessidade de retribuir esse amor. Percebe que o afeto dos amigos não pode ser comparado ao de um amante inspirado pelo delírio de Eros. As emanções da Beleza que atingem o amante voltam ao amado belo inundando-o das mesmas sensações. Um tira a dor do outro, e só então o cavalo mau se manifesta pedindo uns instantes de prazer como recompensa pelo sofrimento da espera.

Na presença do amado a dor do amante se esvai, e o mesmo sucede com este na presença daquele. Quando o outro está longe, o amante sente tristeza, e da mesma forma esta sacode o amado, porque ele abriga o reflexo do amor – acreditando, contudo, que se trata de amizade, e não de

¹¹ Felicidade – Para os gregos felicidade era ver coincidir os valores íntimos do homem com a sua situação exterior (REALE, 1995, p.105).

amor. Embora com menor intensidade, deseja aproximar-se do outro, vê-lo, tocá-lo, acariciá-lo, deitar-se ao seu lado e, assim, não tardará a satisfazer o seu desejo. Enquanto está a seu lado, o corcel indócil do amante tem muitas coisas a dizer ao cocheiro. Como recompensa de tantos sofrimentos, ele apenas pede um instante de prazer. O corcel do amado nada diz, mas, sentindo algo que ele não compreende, toma o amante nos braços e cobre-o dos mais ternos beijos. (PLATÃO, 2011, P. 92)

Neste relacionamento o amor não busca prazeres físicos, não é egoísta, não quer o mal nem busca apenas prazeres. O amante esquece-se de tudo pelo objeto amado, pois a beleza que ele ostenta é um bálsamo para sua alma. Aspira unicamente a beleza e não a abandona voluntariamente. Os humanos chamam isso de Eros mas os deuses o chamam de Pteros (amor alado, por fornecer asas).

Ao invés de tornar possessivo, o apaixonado faz de tudo para o amado tornar-se semelhante a um deus. Aquele que se deixa conquistar por um amante assim entrega-se a uma paixão nobre que só lhe trará felicidade. Juntos, buscam uma vida filosófica e harmoniosa, reprimindo a parte viciosa e terão uma ligação forte. Entretanto, se a relação não for baseada na busca pela verdade, na filosofia, num momento de descuido, o corcel da concupiscência domina a alma e eles se entregam a uma vida de prazeres sensíveis, esquecendo-se das Verdades Eternas e da Beleza (PLATÃO, 2011, P. 93). Aquele que possui a sabedoria mortal e se apega ao mundo físico, não é inspirado pelo Amor e sim pela prudência de escravo. Por isso é melhor entregar-se a um amante que está inspirado por um delírio divino do que a um que não o está.

O amor está intimamente ligado á Beleza, pois é na presença dela que ele se manifesta aos homens e o seu objetivo é levá-los a alcançar a felicidade através de uma vida filosófica e harmoniosa. É pelo amor que a alma em contato com a beleza e repousa, satisfeita.

Disso decorre que são as coisas divinas que dão o amor. E só o Amor é capaz de guiar o homem pelo caminho da filosofia e da prática das virtudes, o que o aproxima das coisas celestes e traz felicidade para as almas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os conceitos em geral nos levaram a diferenciar Eros como desejo, no pensamento grego em geral (representado nos dois primeiros discursos) com o Eros platônico, força mediadora entre o humano e o divino.

Nesta obra específica Platão faz um elogio a Eros, demonstrando em um poético discurso que se o que buscamos no amor for apenas prazer, ele se reduz a desejo físico e não eleva o homem. Mas se o que buscam no amor tem por fim a Beleza, então as almas dos amantes elevam-se e começam a contemplá-la. E enquanto tem o seu olhar voltado para o alto, esses amantes levam uma vida verdadeiramente dedicada à prática das virtudes.

Amor é desejo de “levantar vôo” e ir ter com a Ideia de Beleza. Eros é uma nostalgia do Absoluto, uma agitação iminente que busca o meta-empírico.

Les particularités de l'amour dans le travail Fedro

RESUMÉ

L'oeuvre Fedro, aborde le sujet de l'amour dans une optique poétique. Ici l'amour (Eros) est vu comme une force qui donne l'impulsion à l'homme de chercher les choses divines qui ont déjà été vues dans le monde des Idées. Avant de tomber dans un corps l'âme voit les idées et parmi ces idées, la plus perceptible et arrebatadora est la beauté, qui est présente partout. Toutes les choses terrestres que nous appelons “belles”, sont juste des copies imparfaites, mais qui nous rappellent les choses divines. Eros est un démon intermédiaire qui fait que l'âme cherche la beauté et le bien sans arrêt. Ce chemin amène la joie à l'homme.

Les mots-clés: Amour. Eros. Beauté. Âme.

REFERÊNCIAS

DURANT, Will. *A filosofia de Platão*. Tradução de Maria Theresa Miranda. [S.l.]: Edições de Ouro, [S.d.].

NUNES, Carlos Alberto. *Fedro*. In:_____ Diálogos: volume V. [S.l.]: Universidade do Pará, 1975. p. 7-30. (Coleção Amazônica. Série Farias Brito.)

PLATÃO. *Fedro*. Tradução de Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, 2011.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média*. São Paulo: Paulus, 1990. (Coleção Filosofia).

_____ *História da filosofia antiga: Platão e Aristóteles v. II*. Tradução de Henrique Cláudio de Lima Vaz e Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 1994. (Série História da Filosofia).

_____ *História da filosofia antiga: Léxico, Índices, Bibliografia v. V*. Tradução de Henrique Cláudio de Lima Vaz e Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 1995. (Série História da Filosofia).